

## MALVACEAE MINEIRAS INVASORAS DE CULTURAS

Prof. HONÓRIO DA C. MONTEIRO F.<sup>o</sup> (\*)

O Estado de Minas Gerais, pela diversidade de seus micro-climas e pela sua situação geográfica, atravessado de altas montanhas, possui, como era de esperar, um grande número de espécies endêmicas.

A família das *Malváceas*, sendo eminentemente ruderal, apresenta, no entanto, um grande número de endemismos nesse estado. Nessa tendência ao ruderalismo das plantas pertencentes a esta família propiciou a invasão das culturas por numerosas espécies endêmicas, o que pode trazer dificuldades à determinação, dificuldade ainda mais agravada pelo fato de que muitas dessas espécies são extremamente semelhantes a outras de grande áreas, pantrópicas, com as quais são freqüentemente confundidas.

Apresentamos abaixo comentários a respeito de algumas dessas espécies esperando que assim possamos ser úteis àqueles que se interessem pela determinação desse difícil grupo sistemático.

A fim de simplificarmos o estudo não consideremos os "taxa" infraespecíficos.

### *Sida*

Gênero eminente ruderal, apresenta no entanto algumas espécies endêmicas no estado de Minas Gerais, as quais dilatam freqüentemente sua área para os estados vizinhos de S. Paulo e Rio de Janeiro.

---

(\*) Prof.<sup>o</sup> da Escola Nacional de Agronomia - Rio de Janeiro - D.F.

Registramos abaixo algumas espécies que têm sido erroneamente contradas vegetando em culturas, ao lado das clássicas espécies invasoras do gênero, como *Sida rhombifolia* L., *S. carpanofolia* L., *S. spinosa* L. e *S. cordifolia* L.

- 1 — *Sida tuberculata* R. E. Frics, Sn. Vet. Ak. Handl. II. 42 (12): 33: 1908.

Erva de base lenhosa, com 0,50 a 1,50 m de altura, com folhas elípticas, lanceoladas ou lineares. As vezes apresenta um pequeno tubérculo na base da folha, que passa frequentemente despercebido. Suas flôres são medíocres, com 1,0 a 1,5 cm. de diâmetro, flavas, com uma mancha purpúrea na base das pétalas. O cálice mede 6-7 mm. de comprimento. O fruto é constituído por 6-8 carpídeos, mais frequentemente 8, glabros, quasi múticos, provido de duas pequenas aristas de menos de 0,5 mm. de comprimento.

É muito afim de *S. rhombifolia* L., a cosmopolita vasculosa, com a qual é frequentemente confundida, podendo, porém, ser distinguida pelos seguintes caracteres: suas folhas nunca são tipicamente rombas, enquanto que na *S. rhombifolia* L., principalmente nos exemplares jovens, a lâmina foliar é tipicamente romba, com exceção das folhas superiores; além disso, na *S. rhombifolia* L., o número de carpídios é de 10 ou mais. Como consequência deste fato o fruto de *S. rhombifolia* L. é mais túrgico, de sorte que o cálice na maturidade do fruto não o envolve completamente, enquanto que na *S. tuberculata* R. E. Frics, êle fica totalmente incluso.

A *S. tuberculata* R. E. Frics. tem o seu centro de dispersão em Minas Gerais, mas, é também, frequentemente espalhado em São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro onde se encontra facilmente nas culturas ao lado de sua sózia a *S. rhombifolia* L.

- 2 — *Sida glaziovii* K Schum. Fl. Bras. 12 (3); 332. 1891.  
Sin.: *S. Bradei* Ulbrich, Not. Bot. Cart. 9: 42. 1924.  
*S. Bradei*. E. G. Baker., Jaur. Bot. 63: 239. 1925.

Erva de base lenhosa, com 0,50 a 1,50 m. de altura, cinéreo tomentosa, com folhas rombas, rombo-ovais ou oblongas.

vêzes sub-orbiculares e raramente orbiculares, sendo as superiores lanceoladas ou lineares. Apresenta como a precedente um pequeno tubérculo na base das folhas. As flôres são medíocres, com 1.5-2 cm. de diâmetro, alvas, com uma mancha atropurpúrea na base das pétalas, como cálice medindo 10 mm. de comprimento. O fruto é formado de 7-10 carpídios, quasi múticos, apresentando duas pequenas aristas de menos de 0,5 mm. de comprimento e providos de um tomento flavo no ápice que os tornam muito característicos.

É também, muito afim da *S. rhombifolia* L., com a qual é freqüentemente confundida. Distingue-se, porém, facilmente, *in vivum*, pelo seu tomento cinascente que comunica às plantas um aspecto acinzentado e nos exemplares de herbário, sobretudo, pelos seus carpídios de ápice flavo tomentoso, enquanto que na *S. rhombifolia* L. eles são glabros.

3 — *Sida aurantiaca* St. Fl. Bras. Mer. 1 (2): 185. 1827.

Erya com 40-60 cm de altura, viscosa, com folhas oblongas, lanceoladas ou lineares e flôres alaranjadas, flagrantes, com área de 1 cm. de diâmetro, o cálice medindo 8-9 mm de comprimento. O fruto é constituído de 5 carpídios múticos, de paredes frágeis e lisas.

É espécie pouco freqüente, encontrando-se em terras abandonadas, margens de estradas e como invasoras de culturas fracas.

4 — *Sida Martiana* St. Hil. 1.c: 187. 1827.

Extremamente semelhante à precedente da qual só se pode distinguir com segurança pelos carpídios rugulosos e de paredes membranáceas. É também, pouco freqüente, encontrando-se nas margens de estradas e como invasoras de culturas fracas.

5 — *Sida acrantha* LK. Emum. Hort. Berol. 2: 203. 1822.

Sin. *S. linearifolia* St. Hil. 1.c.: 184. 1827.

*S. sub-cuneata* St. Hil. 1.c.: 184. 1827.

*S. urosopetala* S. E. Eric, 1.c. III. 24 () : 13. 1947.

Espécie que apesar de ser encontrada somente nos Estados de Minas, São Paulo e do Rio de Janeiro e de não ser

muito freqüente, deu no entanto, graças ao seu polinorfismo lugar a criação de vários sinônimos como acima mostramos.

É uma erva alta ou sub-arbusto com 1-1.50 m. de altura de folhas lineares, as vêzes, as inferiores rombo-oblongas flores flavas, com uma mancha atroupurpúrea na base, medindo de 10 nervuras proeminentes e medindo 10 mm. de comprimento. As flôres geralmente são agregadas no ápice dos ramos. O fruto é formado geralmente por 6 carpídios (raramente 5,7 ou 8). Embora não muito rara, aparece poucas vêzes como invasora.

### *Gaya*

Este gênero apresenta algumas espécies endêmicas no Estado de Minas, as quais, algumas vêzes aparecem no meio das culturas. Entre estas anotamos as seguintes.

6 — *Gaya gracilipes* K. Schum. 1 c.: 148-1891.

Erva de base lenhosa que como suas congêneres é provida de um apêndice dentro dos carpídios, o qual envolve as sementes e que Hochrentiner denominou de endoglosso. Distingue-se de suas afins pelas flôres longe pedunculadas, com pedúnculos gráceis atingindo 5 cm. de comprimento. O fruto é constituído por 10 carpídios, sendo subcônico e entumescido, donde o nome vulgar de balãozinho com que o vulgo, muitas vêzes, designa esta e as outras espécies desse gênero e de gêneros próximos, como *Bogenhardia*, *Abutilon*, *Bakeridesia* et allies.

7 — *Gaya aurea* St. Hil. 1. c.; 193. 1827.

Erva ou subarbusto, semelhante à precedente, mas distinguindo-se por possuir pedúnculos breves, menores do que 1.5 cm. Suas belas flôres, amarelo ouro, com nervuras flabelado escuras, valeu-lhe o epíteto com que Saint-Hilaire a denominou. O fruto com mais de 14 carpídeos tem os caracteres genéricos.

Esta espécie vegeta na zona das caatingas e atinge também os Estados de Bahia e Pernambuco.

8 — *Gaya Guerkeana* K. Schum. 1. c.: 354.

Erva ou subarbusto do mesmo hábito dos congêneres. Distingue-se todavia, pelo *endogloso* rudimentar, tão pouco conspicuo que pode passar desapercibido a uma observação pouco meticulosa. Espécie tipicamente mineira, tem sido não obstante, também, encontrada em São Paulo.

### *Briquetia*

Este gênero apresenta uma única espécie a qual abaixo nos referimos.

9 — *Briquetia denudata* (Mees & Mart. R. E. Fries, l. c. II. 42 (12): 40. 1908.

Sin.: *Sida denudata* Mees. & Mart. Nov. Act. Nat. Cur. 11: 100. 1828.

*Sida bilhamata* St. Hil. & Naud. Am. Sci. Nat. II. 18: 54. 1822.

*Anoda denudata* (Noes & Mart.) E. Schum. l. c.: 357. 1891.

*Briquetia denudata* (Noes & Mart.) Chodat & Hasal. Bull. Herb. Boiss. II. 5s 296. 1905, *in dubio*.

Esta espécie é caracterizada por dois ganchos pequeninos no dorso dos carpídios, que do ponto de vista de Chodat & Haesler conceituam o gênero *Briquetia*. Pela aplicação das regras de nomenclatura o binômio deve ser atribuído a R. E. Fries que primeiro o publicou com segurança, pois Chodat & Hassler apenas se referiram a esta combinação sem estabelecê-la categoricamente.

Apesar de ser tipicamente mineira, tem sido, também, assinalada no Paraguai.

### *Bastardia*

Duas espécies desse pequeno gênero, ocorrem, como endêmicas, em Minas Gerais, a *Bastardis elegans* K. Schum e a *B. bivalvis* K. Schum., sendo que esta última, igualmente tem sido encontrada no Estado do Rio de Janeiro e nós achamo-la em Pernambuco, em Alagôa de Baixo, hoje Sertânia.

Como nos faltam dados a respeito de sua condição de invasora, deixam de nos referir às mesmas, mas pormenorizammente.

### *Outros gêneros*

Abordaremos em trabalho próximo os outros gêneros desta família que apresentam espécies endêmicas em Minas Gerais, as quais se tornem invasoras, como por exemplo *Pavonia*, *Abutilon*, *Wissadula* et allies.

### DISCUSSÃO

- a) O Autor ponderou quanto a grande importância da identificação botânica no estudo das plantas invasoras por ser um problema complexo e muito agravado pela crise de sistematistas interessados no assunto. Fêz diversos comentários sobre as espécies endêmicas e ruderais com exemplos no gênero *Sida* (Vassouras).
- b) *Dr. Alfredo C. Nascimento Filho* — A grande dispersão das espécies invasoras pode promover aspectos vegetativo diferente, influenciado pelas variações ecológicas e assim aumentar a confusão para a sua identidade, ainda que o possível polimorfismo não seja tão grande. De qualquer maneira a determinação botânica é muito importante porque muitas vezes as variações dos resultados obtidos pelo comportamento fistológico da planta em relação a certos herbicidas pode variar segundo as condições de meio.
- c) *Dr. José da C. Paixão* — Fêz o combate da *Sida rombifolia* var. *canariense*, no Km. 47, com o emprêgo do M. C. P. A. eliminando a espécie do terreno, mas em seguida aumentou a infestação de outras invasoras.
- d) *Dr. Lair R. Rennó* — “No encerramento desta Sessão apresentou as seguintes palavras:

“Cumprimentando em nome da mesa, os ilustres autores de tão brilhantes trabalhos, desejo aproveitar as expressões do Prof. Honório Monteiro”, “malhando em ferro frio”, para salientar mais uma vez a importância da Sistemática no terreno das plantas daninhas.

Pelo que tenho lido e aprendido nas magistrais aulas que vimos recebendo neste Seminário, as diferentes respostas das diferentes plantas a um mesmo herbicida, já dizem claramente da necessidade que sente o técnico de conhecer cientificamente essas plantas.

O trabalho do Prof. Monteiro traça certas diretrizes que poderão servir como norma de orientação para uma futura sistemática especializada, aplicada às plantas daninhas e invasoras, onde salienta os caracteres essenciais desses vegetais, para uma pronta e rápida diagnose, independentemente assim de maiores conhecimentos de Sistemática pura da parte do Técnico, o que demandaria mais tempo e estudos acurados”.

E, agradecendo a presença de todos, declarou encerrada a sessão.